

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLIII - 2004

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA
Museu Monográfico de Conimbriga

OS OLEIROS DE CONIMBRIGA
“Conimbriga” XLIII (2004) p. 215-226

RESUMO: Faz-se uma revisão dos dados conhecidos acerca dos oleiros atestados epigraficamente na cerâmica comum de produção local ou regional da cidade, no sentido de procurar indicações sobre a cronologia do fenómeno, sobre as hipóteses que é possível emitir quanto à estruturação territorial das produções e sobre as implicações económicas destes problemas.

SUMMARY: A revision of known data on potters attested by the epigraphy, who worked on coarse pottery of local or regional production, is made. Indications on the cronology of the phenomenon are sought, the territorial structure of the production is analysed and the economic implication of both facts is referred.

(Página deixada propositadamente em branco)

OS OLEIROS DE CONIMBRIGA

Introdução

A Cerâmica Comum Local e Regional de Conimbriga (Alarcão 1974 = Fouilles V) é ainda o estudo modelar de um conjunto de produções tão importante quantitativamente quanto difícil do ponto de vista da contextualização socio-económica. Talvez por isso, e por esse estudo de contextualização sair fora do âmbito das publicações que se lhe referem, o problema dos oleiros não foi ainda estudado.

O instrumentum tem sido o mais importante vector de crescimento do *corpus* conimbrigense e alguns novos oleiros têm assim sido conhecidos. Referimo-nos aqui, estritamente, aos produtores de cerâmica utilitária documentados por grafitos executados antes da cozedura, em peças recolhidas na cidade; um projecto que consideramos não desprovido de interesse sobre a cerâmica de construção tem visto alguns desenvolvimentos publicados alhures (Correia *et al.* 2001, 2003; Triães *et al.* 2002a-c).

A relativa escassez do dossiê epigráfico sobre a produção de cerâmica utilitária não obsta, todavia, a que a importância do problema mereça uma análise mais aprofundada do ponto de vista territorial e económico.

Contextualização da documentação epigráfica

APR (ou AP ou A)

Não é seguro que as peças marcadas apenas A (que, pelo menos num caso, não tendo sequer o traço mediano, pode até ser letra mal interpretada), pertençam ao mesmo oleiro que marcou APR. Também a marca AP poderia ser atribuída a *Apta* (Fouilles II n.º 389) mas, se-

gundo a nossa hipótese, as seis atestações em cerâmica comum definem um oleiro, também documentado em tijolos de coluna (Fouilles II 360, 3 exemplares) e em pesos de tear (Ruivo 2004).

Exemplares considerados

– Fouilles II n.º 324A = Fouilles V 158, n.º 14. Cerâmica calcítica (Fouilles V 75), proveniente do horizonte estratigráfico 5, augustano/flaviano (Fouilles I 185)

– Fouilles II n.º 324B = Fouilles V 158, n.º 23. Cerâmica calcítica, vaso do tipo 404 (Fouilles V 77), proveniente do horizonte estratigráfico 19, pré-flaviano (Fouilles I 196ss.).

– Fouilles II n.º 324C = Fouilles V 155, n.º 4. Tipo cerâmico indeterminado proveniente do horizonte estratigráfico 14, claudiano (Fouilles I 194).

– Fouilles II n.º 324D = Fouilles V 155, n.º 3. Tipo cerâmico indeterminado de proveniência estratigráfica não datada (Fouilles I 299).

– Fouilles II n.º 324E = Fouilles V 158, n.º 11. Cerâmica cinzenta fina (Fouilles V 80 ss.), proveniente do horizonte estratigráfico 2, pré-augustano (Fouilles I 182).

– Fouilles II n.º 325 = Fouilles V 83. Cerâmica cinzenta fina, vaso do tipo 474 (Fouilles V 80 ss.), de proveniência estratigráfica não datada (Fouilles I 303)

BOL[OSEA]

Bolosea está atestada uma única vez em cerâmica utilitária, mas é conhecida em três pesos de tear (Fouilles II n.º 393). Estes pesos provêm dos horizontes 19 e 21 (Fouilles I *ad loc.*), de cronologia flaviana. O vaso deve ter sido recolhido em posição secundária, o que a sua tipologia, que não é obrigatoriamente de data tardia, não desmente (homónia entre duas personagens, uma do séc. I outra do IV, parece-nos hipótese de descartar vista a raridade do nome).

– Fouilles II n.º 329 = Fouilles V 157, n.º 12. Grés (Fouilles V 102 ss.), vaso de tipo 878, proveniente do horizonte estratigráfico 45, da segunda metade do séc. IV ou do séc. V (Fouilles I 244 ss.).

BRUTTI

Uma única atestação. O tipo exacto do vaso é de finais do séc. I; a produção, sendo muito antiga, estende-se pouco para além de Trajano (Fouilles V 141-2).

– Fouilles II n.º 330 = Fouilles V 158, n.º 19. Dolium em argila «de Pombal-Barracão» (Fouilles V 68 ss.), de proveniência estratigráfica não datada (Fouilles I 307).

(Fundus) CALLAN(orum)

Duas atestações em cerâmicas das escavações antigas, em peças de tipologia datada de Cláudio aos Flávios. O nome aparece grafado de formas diferentes, mas o *hapax* numa delas é comum (L pro LL) e a identidade de uma só marca não levanta dúvidas.

– FE (no prelo). Dolium em argila «de Pombal-Barracão» (= Fouilles V 327), sem contexto preciso.

– FE (no prelo). Dolium em argila «de Pombal-Barracão» (= Fouilles V 94), sem contexto preciso.

CILIA ou CIL

Para além de três pesos de tear (Fouilles II n.º 399-400), uma única peça grafitada.

– Fouilles II 331 = Fouilles V 157, n.º 13. Dolium em argila «de Pombal-Barracão» (Fouilles V 68 ss.), de proveniência estratigráfica não datada (Fouilles I 311).

EX ou X

A «personalidade» deste oleiro pode também, em rigor, ser desmentida. Juntamos-lhe uma marca F, que a ele pode pertencer (por má leitura, que não estamos em condições de julgar).

Exemplares considerados

– Fouilles II n.º 333 = Fouilles V 158, n.º 25. Grés proveniente do horizonte estratigráfico 11, claudiano (Fouilles I 191 ss.)

– Fouilles II n.º 334 = Fouilles V 157, n.º 25. Cerâmica cinzenta fina (Fouilles V 56-80), do mesmo horizonte estratigráfico.

– Fouilles II n.º 348b = Fouilles V 158, n.º 13. Mesma cerâmica e mesmo horizonte.

M, MAEL, MAELONIS

O produtor de cerâmica de construção e de pesos de tear (Cf. Fouilles II 139) surge documentado cinco vezes em cerâmica utilitária.

Exemplares considerados

– Fouilles II 336a = Fouilles V 158, n.º 17. Cerâmica cinzenta fina (Fouilles V 56 ss.), proveniente do horizonte estratigráfico 10, claudiano (Fouilles I 190-1).

– Fouilles II 336b = Fouilles V 157, n.º 3. Cerâmica calcítica (Fouilles V, 75 ss.), vaso de tipo 400, proveniente do horizonte estratigráfico 24, trajânico (Fouilles I 214 ss. e 308).

– Fouilles II 336c = Fouilles V 158, n.º 27. Mesma cerâmica, tipo indeterminável, de proveniência estratigráfica não datada (Fouilles I 300).

– Fouilles II 337a = Fouilles V 158, n.º 20. Dolium em argila «de Pombal-Barracão» (Fouilles V 68 ss.), de proveniência estratigráfica não datada (Fouilles I 291. Interpretamos a referência da peça como 64 GIX 49 (3)).

– Fouilles II 337b = Fouilles V 158, n.º 21. Cerâmica calcítica (Fouilles V, 75 ss.), vaso de tipo 402, proveniente do horizonte estratigráfico 11, Claudiano (Fouilles I 191 ss.).

SABINI

Uma única atestação.

– Fouilles II 341 (também Garcia 1984, 135). Cerâmica calcítica (Fouilles V, 75 ss.), almofariz de tipo próximo ao n.º 689. Achado sem contexto em 1906, actualmente no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, de Castelo Branco.

...BDI

– Fouilles II n.º 228 = Fouilles V 158, n.º 18. Cerâmica alaranjada fina (Fouilles V 86 ss.), vaso de tipo 605, proveniente do horizonte estratigráfico 15, provavelmente claudiano (Fouilles I 194 e 294).

...UGI

– Correia 2004. Vaso de tipo comparável a Fouilles V, 304 (séc. I), proveniente das remodelações hadriâneas da cave da Casa dos Repuxos.

Comentários***A natureza das marcas grafitadas***

As marcas identificadas demonstram três situações distintas:

- a afirmação da autoria da produção
- o simples antropónimo
- a menção a uma estrutura fundiária e/ou produtiva

A primeira situação não levanta dúvidas quanto à natureza da inscrição.

A segunda situação, dada a técnica utilizada (grafito pré-cozedura), levanta poucas dúvidas quanto ao facto de se tratar de uma forma simplificada de veicular uma mensagem com o mesmo significado.

A terceira situação é de interpretação mais delicada – e está baseada numa interpretação epigráfica menos segura.

Oficinas e produções

A aposição de marcas de produção nos produtos cerâmicos é, considerado todo o universo arqueológico, o efeito recorrente da existência de produções industrializadas divulgadas em espaços geográficos alargados. Não é todavia um efeito necessário; muitas produções de grande difusão nunca foram marcadas e a cerâmica comum de Conimbriga está, manifestamente, fora do grupo de produções que se esperaria ver assim.

Estamos, portanto, perante um fenómeno de emulação por parte das oficinas locais, importando analisar em que contexto se dá essa emulação.

A cerâmica cinzenta fina, a calcítica e os *dolia* em argila «de Pombal-Barracão» representam mais de 70% das peças que foram inscritas com o nome do oleiro. Conclui-se daqui que o fenómeno da marcação das cerâmicas é correlativo a uma especialização tecnológica das oficinas, o que parece lógico, considerando que se isolaram em Conimbriga mais de trinta fabricos distintos.

Dos três fabricos que os oleiros preferiram marcar, dois (cerâmica cinzenta fina e *dolia* em argila «de Pombal-Barracão») utilizam matéria prima de proveniência localizada e, em certa medida, de características especializadas. A cerâmica calcítica, por outro lado, é a matéria-prima mais facilmente disponível localmente, tratando-se de material de pouca qualidade. Conclui-se, portanto, que conhecemos sobretudo marcas em materiais de produção especializada e – em contraste – nos materiais de produção local mais comum (que mesmo que fossem menos marcados, teriam sobrevivido no registo arqueológico em maior abundância, naturalmente).

A diferença mais saliente reside no facto de, enquanto os fabricos especializados documentam vários oleiros que, aliás, produzem por vezes em mais do que um fabrico (quando existem dados em número suficiente para a análise ser possível), apenas dois, o problemático *Apr...* e *Maelo*, marcaram cerâmica calcítica.

É possível, portanto, que estejamos perante o reflexo de uma situação bipolar: em oficinas de maior dimensão relativa, a marcação da cerâmica seria mais comum – estas oficinas dedicavam-se a tipos correntes de produção oleira intensamente distribuídas localmente; por outro lado, tipos cerâmicos especializados eram produzidos por várias oficinas de menor dimensão, ainda que aqui o acto de marcar fosse, em abstracto, menos comum.

A afirmação publicitária da oficina poderia portanto ser fruto tanto da especialização da produção como da própria dimensão da oficina. Trata-se, em ambos os casos, do resultado de um mecanismo de intensificação económica que, não sendo estranho, em abstracto, no período imperial romano, se reveste de aspectos notáveis no contexto de Conimbriga, quer do ponto de vista da implantação territorial quer do ponto de vista da cronologia.

Cronologia do fenómeno

A marcação de cerâmicas utilitárias em Conimbriga é um fenómeno delimitado no tempo: em 22 exemplares considerados, 3 não têm proveniência estratigráfica segura, 6 têm-na mas ela não se pode datar e só 1 provém de um estrato tardio. Mas, ainda assim, 55% das peças consideradas provém de estratos do séc. I (um único caso arrastando-se até níveis trajânicos, outro talvez mais antigo). Esta concentração cronológica pode dever-se a um fenómeno post-deposicional cuja mecânica se nos afigura difícil de reconstituir; pode dever-se a questões técnico-científicas que levaram as escavações luso-francesas a dedicar uma maior atenção à datação dos estratos «de boa época» do que aos restantes, contando também com a maior frequência de materiais facilmente datáveis com precisão nesses estratos; ou pode corresponder a um fenómeno subjacente, pelo qual as oficinas de olaria representadas na cidade inscreveram os nomes dos oleiros nas peças com mais frequência no séc. I do que noutros períodos.

Objectivamente, preferimos esta última explicação, mas importa neste momento levantar as questões, mais que apontar soluções.

Uma outra linha de pesquisa poderia consistir em contrastar este com outros fenómenos de cronologia idêntica que a arqueologia da cidade permite discernir. Referimo-nos designadamente ao pico de abastecimento monetário do período júlio-claudiano e ao seu fim sob Nero, de que a cidade nunca se refará completamente (Fouilles III, 219-223).

Oficinas e território

O facto de as cerâmicas de Conimbriga terem sido objecto de inquirição mineralógica e fisico-química sistemática – no caso da cerâmica cinzenta fina de forma muitíssimo aprofundada até (vide revisão em Alarcão *et al.* 1994) – permite correlacionar as realidades epigráficas e tipológicas com o espaço envolvente da cidade.

Independentemente da forma como as oficinas se organizassem, as necessidades específicas de transporte e tratamento da matéria-prima para a produção oleira ditam a inevitável proximidade entre fonte de matéria prima e localização da oficina. A determinação de proveniência das argilas permite, portanto, apontar a localização das estruturas produtoras, ainda que sem grande precisão.

No que diz respeito à cerâmica cinzenta fina, a proveniência da argila utilizada pôde ser determinada a partir de amostras recolhidas próximo de Padrão (Miranda do Corvo), a cerca de 15km a leste da cidade romana (Prudêncio *et al.* 1989). Estes barreiros foram utilizados quer na Idade do Ferro quer ao longo do período romano (apesar da evolução sofrida pela técnica de produção dos vasos ao longo do mesmo período. Cf. Cabral *et al.* 1983, 1986).

Ainda que a análise feita se tenha limitado à caracterização mineralógica, a argila de Pombal-Barracão pôde ser identificada com aquela que actualmente se extrai dos barreiros da referida região, localizados a cerca de 35 km a sudoeste da cidade (Seixas 1974, 189). No que diz respeito à cronologia da exploração, estas peças surgem já em níveis augustanos.

O mesmo tipo de análise permitiu atribuir a cerâmica calcítica à transformação das argilas de cobertura do complexo de tufos de Condeixa («terra rossa»), localizadas nas vizinhanças da cidade (Seixas 1974, 185). A cerâmica calcítica é frequente ao longo de toda a sequência estratigráfica da cidade.

É assim possível definir vários pontos dispersos no aro de Conimbriga onde se devem ter localizado estruturas de exploração dos recursos naturais e de sua transformação, estruturas essas que são muito provavelmente de origem pré-romana (são, sem dúvida, de origem pré-imperial).

Este facto permite colocar em contexto a provável existência do (*fundus*) *Callanor(um)*, estrutura territorial, agrária, de origem indiscutivelmente pré-romana, dado o gentílico que o designa, que testemunha a adopção de fórmulas jurídicas romanas na orgânica das estruturas gentilitárias em meados do séc. I.

Quer a manutenção das estruturas gentilitárias no período imperial, quer a sua absorção pela vida cívica e religiosa conduzida em moldes romanos, estão documentadas na epigrafia de Conimbriga (referimo-nos respectivamente a Fouilles II 11 e 15). Que, em datas precoces, fórmulas jurídicas romanas passassem a conformar os processos económicos dessas estruturas não se tinha ainda podido avançar. Isto leva-nos a fazer duas observações:

– em primeiro lugar, a propósito da existência de propriedade gentilitária, que se subentende comum, e que permite uma interessante reconstituição dos mecanismos económicos pré-romanos na região.

– em segundo lugar, a propósito da manutenção dessa estrutura no território de um *oppidum stipendiarium*, abonando a favor de uma conservação das estruturas económicas da comunidade local nessa fase da evolução jurídica de Conimbriga.

Em conclusão, importa insistir no facto de a epigrafia sobre *instrumentum*, com as dificuldades e as virtualidades que lhe são inerentes, poder constituir um vector de análise digno de nota na compreensão de realidades económicas e sociais cuja caracterização é indispensável ao traçado do quadro global segundo o qual se conformou um pólo urbano romano e o seu território, e como neste território se dispuseram os elementos – os novos e os tradicionais – que desse pólo fizeram «cidade».

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, A. M. e Correia, V. H., 1994: «Cerâmicas comuns da Idade do Ferro de Conimbriga». *Idade do Ferro* (Figueira da Foz, Museu Municipal), 99-102.
- Alarcão, J., 1974: *Cerâmica Comum Local e Regional de Conimbriga* (Coimbra, Faculdade de Letras, Suplementos de Biblos 8) [= Alarcão, J., 1975: *Fouilles de Conimbriga V, La céramique commune locale et régionale* (Paris, De Boccard); = Fouilles V].
- Alarcão, J., Delgado, M., Mayet, F., Alarcão, A. M. e Ponte, S., 1976: *Fouilles de Conimbriga VI, Céramiques diverses et verres* (Paris, De Boccard), [= Fouilles VI].
- Alarcão, J. e Étienne, R., 1977: *Fouilles de Conimbriga I, L'Architecture* (Paris, De Boccard), [= Fouilles I].
- Cabral, J. M. P., Gouveia, M. A., Alarcão, A. M. e Alarcão, J., 1983: «Neutron activation analysis of fine grey pottery from Conimbriga, Santa Olaia and Tavadede, Portugal». *Journal of Archaeological Science* 10, 61-70.
- Cabral, J. M. P., Waerenborgh, J. C., Figueiredo, M. O. e Matias, P. H. M., 1986: «Contribuição para o estudo da cerâmica cinzenta fina de Conimbriga e Santa Olaia por espectrografia Mössbauer e difracção de raios X». *Conimbriga* 25, 5-21.
- Correia, V. H., 2004: «Grafitos oficinais sobre talhas de Conimbriga». *Ficheiro Epigráfico*, no prelo.
- Correia, V. H.; Fernandes, L. S. e Ruivo, J. S., 2001: «Os proprietários de oficinas de cerâmica de construção de Conimbriga e da Lusitânia ocidental: continuidade e ruptura», in (Polfer, M., dir.) *L'artisanat romain: évolutions, continuités, ruptures* (Montagnac, ed. Monique Mergoil), p. 151-171.
- Correia, V. H., Coroado, J., Fernandes, L. S., Ruivo, J., e Triães, R., 2003: «Produção e difusão de cerâmicas industriais em Conimbriga e territórios limítrofes», in *IV Mesa Redonda sobre a Lusitânia* (Cáceres, Un. Extremadura), no prelo.
- Étienne, R., Fabre, G., e Lévêque, P. e M., 1976: *Fouilles de Conimbriga II, Épigraphie et sculpture* (Paris, De Boccard) [= Fouilles II].

- Garcia, J. M., 1984: *Epigrafia Lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior* (Castelo Branco, IPPC).
- Prudêncio, M. I., Cabral, J. M. P. e Tavares, A., 1989: «Identification of clay sources used for Conimbriga and Santa Olaia pottery making». In *Proceedings of the International Symposium of Archaeometry, Athens 1986* (Telavive, Y. Maniatis ed.), 503-514.
- Ruivo, J. S., 2004: «Pesos de tear grafitados, de Conimbriga». *Ficheiro Epigráfico*, no prelo.
- Seixas, M. T., 1974: «Relatório sobre a análise científica das pastas». In Alarcão 1974, 171-202.
- Triães, R & Correia, V. H., 2002a: A cidade romana de Conimbriga e as primeiras utilizações dos materiais cerâmicos de construção. *Kéramica* 255 (ano XVIII, Set-Out), 50-59.
- Triães, R., Correia, V. H., e Coroado, J., 2002b: «A utilização dos materiais cerâmicos de construção em Conimbriga». *Conimbriga* 41, 153-164.
- Triães, R., Coroado, J., Gomes, C., Correia, V. H. & Rocha, F., 2002c: «Typology of ceramic materials utilized in the construction of the *civitas* of Conimbriga». *Libro en memoria de Maria Angle Vicente* (Sociedad Española de Arcillas, Salamanca), no prelo.